

Revertendo o novo monasticismo global

Emanuele Coccia^{1*}

1.

Como em um conto de fadas, um pequeno ser invadiu todas as cidades do mundo. É o mais ambíguo dos seres da Terra, para quem é difícil falar em "viver": habita o limiar entre a vida "química" que caracteriza a matéria e a vida biológica; é animado demais para um, indeterminado demais para o último. Em seu próprio corpo, a clara oposição entre vida e morte é apagada. Esse agregado indisciplinado de material genético invadiu as praças e de repente a paisagem política mudou de forma.

Como em um conto de fadas, para se defender de um inimigo invisível e poderoso, as cidades desapareceram: foram para o exílio. Elas se declararam proibidas, e agora estão diante de nós como dentro de um armário de exposição de um museu arqueológico.

De um dia para o outro, escolas, cinemas, restaurantes, bares, museus e quase todas as lojas, parques e ruas foram fechados e tornam-se inabitáveis. Vida social, vida pública, reuniões, jantares, almoços, momentos de trabalho, rituais religiosos, sexo, tudo que se abriu quando fechamos as portas de nossa casa e se tornou impossível. Existe como uma memória ou como algo que deve ser construído através de esforços muito duros e às vezes dolorosos: as ligações, o SIG direto (sistema de informação geográfica), os aplausos ou o canto na varanda. Tudo parece luto. Estamos de luto pela cidade desaparecida, pela comunidade suspensa, pela sociedade fechada, além das lojas, das universidades e dos estádios.

De um dia para o outro, a cidade - isto é, literalmente, a política - é uma retração, como nos mitos cabalísticos que gostariam que a criação fosse um ato de retração (tzimtzum) da divindade. Para defender a vida de seus membros, as cidades se baniram e se mataram. O sacrifício nobre colocou mais da metade da população humana na impossibilidade de fazer política, de pensar politicamente sobre o presente e o futuro.

¹ Texto publicado em **Fall Semester**, 21 de abril de 2020. <<https://fallsemester.org/2020-1/2020/4/17/emanuele-coccia-escaping-the-global-monasticism?fbclid=IwAR140wFVHDehjLJLLBo9c82X1t8sv9aa4-B0KmKJ0eU5DM58BgtPwzan9Vs>>. Tradução: Mariana Silva da Silva.

*Emanuele Coccia é filósofo e professor no EHESS em Paris. Escreveu extensivamente sobre natureza, arte e moda. Seus últimos livros são *A vida das plantas* (traduzido em dez idiomas) e *Métamorphoses* (Paris 2020). Em 2019, co-organizou a exposição *Nous les Arbres* na Fondation Cartier, Paris.

Sars-Cov-2, essa pequena criatura de conto de fadas (ou essa trindade de criaturas, já que aparentemente existem três linhagens) não só causou a morte de dezenas de milhares de vidas humanas. Acima de tudo, causou o suicídio da vida política como a conhecemos e praticamos há séculos. Isso forçou a humanidade a iniciar um estranho experimento de monasticismo global: todos somos anacoretas que se retiraram para seu espaço privado e passam o dia murmurando orações seculares. Em um mundo onde a política é objeto de proibição e realidade impossível, o que resta são nossos lares: não importa se são realmente apartamentos ou casas de verdade, não importa se são pequenos apartamentos ou grandes propriedades. Tudo se tornou lar. E isso não é uma boa notícia. Nossa casa lar não nos protege. Pode nos matar. Você pode morrer de "lar" em excesso.

2.

Sempre fomos obcecados por lares. Não apenas neles moramos, neles, passamos muito tempo, vemos lares por toda parte. E fingimos que todos, mesmo fora da espécie humana, têm lares.

Um dos exemplos mais incríveis dessa obsessão com o lar é a ecologia entendida não apenas como a ciência do relacionamento mútuo de todos os seres vivos uns com os outros, e o que existe entre seres vivos e seu ambiente, seu espaço, mas também como um conjunto de práticas que tentam ter um relacionamento melhor, mais justo e equitativo com a vida não humana. Já o nome ostentado pela ecologia (literalmente, ciência da casa) é obcecado por essa metáfora ou imagem. Mesmo quando tentamos encontrar uma imagem mais "ecológica" da terra, tendemos mecanicamente a pensar nela como o lar de todos nós.

Agora, de onde vem essa obsessão? Porque se você pensar sobre isso, não é tão normal. Por que o relacionamento que os vivos têm entre si deve ser semelhante à nossa socialidade doméstica? Por que, por exemplo, a metáfora, a imagem e o conceito-chave não são os da cidade? Ou a de uma praça? Ou o da amizade? Porque quando tentamos pensar em como todas as pessoas vivas se relacionam, demos uma resposta: como se fossem membros de uma casa imensa, do tamanho de todo o planeta. Precisamos ser ensinados por Ibsen e Tolstoi que casas não são lugares particularmente felizes? Por que fomos tão cruéis com nossos amigos não humanos?

Agora, a resposta para essa pergunta é um pouco longa e tentarei falar de maneira breve. A pessoa responsável é Linnaeus, o biólogo sueco a quem devemos o sistema de classificação biológica dos seres vivos. Em 1749, um de seus alunos, Isaac Biberg, publicou o que seria o primeiro grande tratado sobre ecologia e o chamou *De economia naturae*, que traduzido para a linguagem moderna soaria como: da ordem doméstica natural. Agora, por que eles pensavam na natureza como uma enorme ordem doméstica? Naqueles dias, a maioria dos biólogos não

acreditava na transformação das espécies, na evolução. Estavam convencidos de que todas as espécies eram imutáveis ao longo do tempo. Em um contexto como esse, a única maneira de saber se existe um relacionamento entre um búfalo do Arizona e uma mosca australiana e entender esse relacionamento, era se colocar do ponto de vista de quem criou os dois: Deus. Ele certamente pensou e estabeleceu uma relação entre essas duas espécies, bem como entre todas as espécies vivas. Agora, na esfera cristã, Deus se relaciona com o mundo não tanto como governador, líder político, mas como Pai: Deus é quem cria o mundo e se Ele exerce poder sobre o mundo, é apenas porque Ele o criou. Contrariamente, o mundo não se relaciona com Deus como um sujeito se relaciona com o soberano, mas como um filho se relaciona com o pai. O mundo, todos os vivos são, portanto, o lar do único Pai da família, que é Deus. É por essa razão que Biberg e Linnaeus chamam essa ciência de economia da natureza - foi Haeckel, um biólogo alemão do século XIX que mudou a economia para a ecologia para distingui-la da economia mercantil. Agora, essa imagem é útil porque expressa imediatamente a evidência e a necessidade de um relacionamento mútuo entre todas as pessoas vivas: todos são membros de uma casa enorme. É, contudo, uma imagem problemática. Antes de tudo, é de natureza patriarcal. A ecologia não sabe disso, mas, no fundo, seu imaginário, apesar de tudo que as feministas fizeram para se livrar dele, continua sendo um imaginário patriarcal.

Por que? Porque a casa - da antiguidade aos dias de hoje - é um espaço no qual um conjunto de objetos e indivíduos respeita uma ordem, uma disposição que visa a produção de utilidade. Ser capaz de dizer que a vida é uma casa grande significa que se respeita a ordem e que cada um produz uma forma de utilidade graças a essa ordem. Afinal, a biologia continua pensando isso toda vez que diz que a evolução de uma espécie ou o surgimento de outra corresponde à afirmação da mais adequada. Ou continuamos pensando isso toda vez que pensamos, por exemplo, que a introdução das chamadas espécies invasoras (a Robinia, por exemplo) é prejudicial ao equilíbrio natural do ecossistema. (Na realidade, não sabemos absolutamente nada sobre isso que seja útil ou não para a natureza: já é difícil para nós, deixem a natureza em paz). E como Mark Dion² escreveu uma vez, a natureza nem sempre sabe o que é o melhor.

Pensar ecologicamente significa pensar que há uma ordem que deve ser defendida, pensando que há fronteiras que não devem ser atravessadas. E se, por um lado, essa ideia sugere ser menos destrutiva para nossos irmãos e irmãs não humanos, infelizmente, ela projeta neles uma ordem que não tem nada de natural. Podemos perceber isso perfeitamente hoje em dia. Afinal, pensar que a Terra é uma casa enorme significa, literalmente, pensar em todos os seres vivos, exceto no ser humano, em prisão domiciliar. Não reconhecemos o direito de outros seres vivos de sair de casa, de viver fora de casa, de ter uma vida política, social e não

² Nota de tradução: Mark Dion (1961) é um artista contemporâneo que pensa as relações entre ciência e arte, utiliza-se principalmente da concepção de instalações, coleção de objetos e gabinetes de curiosidade que conectam a história natural à história humana.

doméstica. Estão todos em casa e só podem ficar lá. Estão todos em quarentena durante sua vida natural.

Afinal, a reação à crise produzida por Sars-Cov-2 foi uma radicalização do pensamento ecológico: agora até os seres humanos devem respeitar seu próprio ecossistema, ficar em casa. Se os homens, através das cidades, arrogaram para si mesmos o direito de viajar a qualquer lugar, de viver livremente, agora tudo o que vive é forçado a viver anacronicamente. Hoje, nós - humanos e não humanos - somos todos monges de Gaia.

Por outro lado, Sars-Cov-2 nos permite libertar-nos definitivamente da nostalgia e do idealismo das cidades. Não se trata apenas da duração da quarentena. As cidades são relíquias de uma forma de vida política que nunca mais será acessível para nós. Os novos bens comuns, o espaço de co-habitação, terão que ser construídos a partir da transformação das células monásticas nas quais estamos fechados. É transformando e derrubando esse monasticismo global que redescobriremos a vida pública, não apenas repovoando as cidades antigas.

Ninguém pode mais sair. Ninguém pode escapar: trancados em casa, é de casa e principalmente em casa que teremos que reconstruir a sociedade. A mudança terá que ocorrer nos confusos retângulos de concreto que nos separam dos outros e do mundo. Será necessário desenterrar desse espaço uma série de corredores invisíveis que nos permitam transformar o espaço doméstico em um novo espaço político. Se houver uma revolução, será uma revolução doméstica: será necessário livrar-se da definição patriarcal, patrimonial e arquitetônica de nossas casas e transformá-las em algo diferente. Não há certeza em dizer que o caminho será longo: se a morte da cidade acontecer de um dia para o outro, a casa não patriarcal poderá nascer em algumas semanas.

3.

Como chamamos algo de lar? Geralmente, identificamos nossa casa com sua concha arquitetônica: a casa - as paredes, a forma mineral com a qual separamos um espaço do resto do mundo. Geralmente o descrevemos de acordo com a forma e as funções dos espaços que esse envelope cinzela, coleta, cria, guarda: há o banheiro, a cozinha, a sala de jantar, o quarto. Nomeamos as diferentes partes de acordo com o tipo de vida que levamos. E, no entanto, a casa é, acima de tudo, um grande contêiner, um enorme baú no qual recolhemos principalmente objetos, coisas. É algo que parece absolutamente contra-intuitivo, e até um pouco ideológico, como se quiséssemos enfatizar o patrimônio e, portanto, o aspecto consumidor da casa; ainda assim, é exatamente assim, e não tem nada a ver com sua orientação política. A casa começa com coisas, as paredes, o teto, o chão. No entanto, cada um não é suficiente para cumprir sua função separadamente. Eu entendi isso, literalmente, há alguns anos atrás, por causa de uma experiência estranha que me ajudou a aprender algo importante. Eu havia conquistado meu

primeiro lugar como professor na Alemanha, em Freiburg, e quando cheguei à cidade, comecei a procurar uma casa. Encontrei, consegui assinar o contrato imediatamente e alguns minutos depois de ter as chaves na mão e, assim que entrei no apartamento, meu cartão de crédito - por razões misteriosas - foi bloqueado. Nada mal, você diz, entrou na casa, tinha um telhado para se cobrir. Não foi exatamente assim porque a casa estava completamente vazia. Não havia nada lá: nem uma cama, um colchão, uma cadeira, um prato, um garfo. Nada. Nenhum dos objetos que povoam nossas casas ou até hotéis. Fiquei lá por uma semana, sem dinheiro (tinha dinheiro suficiente para comprar comida) e tive que começar a ensinar no final da semana. Então, percebi que esse espaço é literalmente inabitável. Impossível dormir, porque o chão é muito duro, muito frio, e então você precisa de cobertores, travesseiros, pijamas. E o paradoxo era que seria mais fácil dormir em uma floresta ou jardim: seria menos desconfortável e menos perturbador (mas era setembro e já estava frio demais na Alemanha).

Era impossível trabalhar lá porque para trabalhar você precisa de uma mesa, uma cadeira, um computador, um notebook. Impossível comer lá, obviamente, por razões semelhantes. E, acima de tudo, impossível ficar ali por um longo tempo: contemplar o vazio é obscuro, insuportável, ensurdecido. Foi quando eu percebi algo importante. Primeiro: a casa como tal, como concha pura, pura ideia de espaço, a idealização arquitetônica é inabitável. Não é o que nos permite habitar um espaço, é o que torna o espaço - que é sempre ocupado pelas coisas, vivendo, um deserto puro e inabitável até que alguém se apodere dele e comece a preenchê-lo com objetos - o mais desigual. Segundo: que a ideia de espaço é uma abstração, algo que não existe. Nós nunca encontramos espaço. Habitamos o mundo que é sempre povoado por outros seres humanos, plantas, animais, os objetos mais díspares. Esses objetos não ocupam espaço, eles o abrem, possibilitam o espaço: em uma floresta, as árvores não ocupam espaço, abrem o espaço florestal. É o mesmo nas casas: a cama, a louça, a mesa, o computador, a geladeira não são objetos que ocupam espaço, não são decoração. Eles são o que torna real um espaço que é apenas imaginário, abstrato, a projeção mental de outras pessoas nas quais é proibido entrar. Afinal, é a cama que compõe o quarto, a mesa de jantar que compõe a sala de jantar, os pratos, o forno e as panelas que transformam um retângulo abstrato em uma cozinha. A casa-caixa é tecnicamente uma forma do deserto, espaço puramente mineral, um castelo de areia. Traduzido em termos políticos, isso significa: um lar é onde as coisas nos dão acesso ao espaço. Tornam o espaço habitável. Nunca temos uma relação com o espaço, ou com paredes, temos uma relação com objetos. Nós apenas habitamos as coisas. Os objetos abrigam nosso corpo, nossos gestos, atraem nossos olhares. Os objetos nos impedem de colidir com a superfície quadrada, ideal e geométrica. Objetos nos defendem da violência de nossas casas.

Precisamente por esse motivo, o espaço doméstico não é de natureza euclidiana: movimentar-se dentro de casa não é suficiente ou nem é necessária a geometria que estudamos na escola, trigonometria, projeções ortogonais. De fato, as coisas são ímãs, atratores ou sirenes que nos chamam com uma música irresistível e capturam nosso corpo frequentemente sem que

percebamos. As coisas magnetizam o espaço doméstico, tornando-o um campo de forças constantemente instáveis, uma rede de influências sensíveis que nos deixa livres somente quando fechamos a porta da casa. É por isso que, na realidade, nos dias de permanência prolongada dentro de casa, nos sentimos fatigados. Ficar em casa significa sofrer, apoiar, resistir a todas as forças que as coisas exercem entre si e sobre nós. A vida em casa é sempre sobre resistência, no sentido elétrico e não mecânico do termo, somos o fio de tungstênio que é atravessado pelas forças das coisas e ligamos ou desligamos. Agora, de onde vem essa força?

Por que as coisas em casa são tão poderosas?

Depois de atravessar o limiar da casa, as coisas ganham vida, melhor, elas adquirem algo de nós, de nossa alma. As roupas, os papéis em que deixamos um número ou um pequeno rabisco ao telefone com um amigo, uma pintura, o jogo de nossa filha, existem quase como sujeitos, como seres menores que nos olham e dialogam conosco. O uso, a fricção diária, repetida, prolongada por dias, semanas, meses, anos, o atrito de nosso corpo em seu corpo deixa vestígios, magnetiza-os, transfere para eles uma parte de nossa personalidade e subjetividade. Dentro da casa, portanto, os objetos se tornam sujeitos. Aqui está uma nova e bonita definição de lar: um lar é chamado de espaço em que todos os sujeitos existem como sujeitos (é o oposto da escravidão). Significa dizer que a casa é um espaço de animismo inconsciente e voluntário. O que significa animismo? Desde o final do século XIX, a antropologia caracterizou com esse nome a atitude de algumas culturas em reconhecer certos objetos (antes de tudo os fetiches, os artefatos que representavam os deuses) qualidades que geralmente são reconhecidas exclusivamente pelos homens: uma personalidade, um consciência e até capacidade de agir. Agora, nossa cultura diz que se baseia na rejeição absoluta dessa atitude e na separação clara e irreparável entre coisas e pessoas, objetos e sujeitos. E, no entanto, não é assim tão simples. Bonecas, coisas da casa por excelência, são objetos para os quais toleramos, pelo menos por parte das crianças, um tipo de relacionamento animista. Mas tem mais. No final do século passado, Alfred Gell revelou em um livro extraordinário (*Arte e Agência*) algo absolutamente revolucionário. O que chamamos de arte é apenas a esfera em que nossa cultura reconhece que as coisas existem quase da mesma maneira que os seres humanos existem. Toda vez que entramos em um museu, quando encontramos peças de algum material - um conjunto de linho, madeira e pigmentos de várias cores - o que chamamos de pintura, temos certeza de que podemos reconhecer nele os pensamentos, atitudes e sentimentos de uma pessoa que nunca vimos, conhecemos e não sabemos absolutamente nada. Vemos a Mona Lisa e temos certeza de conhecer Leonardo. Aqui, temos uma relação animista com todas as obras de arte. Gell parou aqui. Na verdade, devemos continuar dizendo que em casa, cada um de nós tem um relacionamento animista com a grande maioria dos objetos com os quais nos cercamos, especialmente os mais antigos. Cada um deles não apenas carrega algo de nós, mas se torna uma versão mais antiga do nosso ego. É por isso que não podemos nos separar deles ou lamentamos sua perda. Este é o ponto de partida da revolução doméstica: poder pensar na casa

não mais como um espaço da propriedade e da administração econômica, mas como o lugar onde as coisas ganham vida e tornam a vida possível para nós. Não é a geometria e a arquitetura que devem definir essa vida, mas tal capacidade de animação que passa dos seres humanos para as coisas e das coisas para os seres humanos.

Ficar em casa a partir de agora deve apenas significar: fique onde você dá vida a tudo e tudo dá a você. O lar deve ser uma cozinha comum, uma espécie de laboratório comum em que tentamos nos misturar, encontrar o ponto certo de fusão e produzir felicidade comum. A nova cidade deve ser uma espécie de imensa resposta química na qual tentamos, misturando coisas e misturando-nos a nós mesmos e a todos os tipos de objetos, para encontrar um elixir da vida.

Redesenhar cidades diretamente de nossa cozinha: isso pode parecer extremamente trivial e vulgar. No entanto, a cozinha é o lugar onde mostramos que a cidade não é apenas uma coleção de seres humanos. Como William Cronon e Carolyn Steele mostraram, do ponto de vista da culinária, a cidade tem limites diferentes do que imaginamos: todos os não-humanos que geralmente excluimos devem fazer parte dela. Sem trigo, milho ou arroz, macieiras, porcos, vacas, cordeiros, cidades humanas são impossíveis. São principalmente os não humanos que tornam nossas cidades habitáveis. É hora de dar a cada um deles cidadania. Libertar a casa do patriarcado e da arquitetura também significa começar a pensar que a cidade não é a casa dos homens. Estamos acostumados a imaginar que, como todos os não-humanos têm um lar longe da cidade, em espaços "selvagens", as cidades são o espaço legítimo para o assentamento humano. Portanto, esquecemos que toda cidade é resultado da colonização de um espaço ocupado por outros seres vivos e de um conseqüente genocídio que forçou outras espécies (além de algumas raras exceções, cães, gatos, ratos e algumas plantas ornamentais) a se mudarem para outro lugar. Pensar nas cidades como cozinhas multiespécies significa pensar que tudo será forçado a se misturar.

Considerar na casa e a cidade como se fossem grandes cozinhas significa transformar o relacionamento patriarcado e o relacionamento patriarcal em um espaço de cuidado e não somente de nutrição. O ato de cozinhar é a forma básica do ato de cuidar e a forma pela qual é impossível separar o cuidado de si e o dos outros.

O lar é apenas onde há cuidado para algo e alguém.